



Alcaântara

MA-106

PORTAL DO SÍTIO DE NAZARE

Rua da Mirititua

Rua Dr. Silva Maia

Rua Direita

Rua de Baixo

Rua Grande

Rua da Amaleira

Rua das Mercedes

Ladeira do Jacaré

Ilheus Maravilha

PRACA DE ITATINGA

Dupla

shm

ibram

Museu de Alcaântara

MINISTÉRIO DO TURISMO

PÁTRIA AMADA BRASIL

GOV. BAHIA



Mapa Ilustrado de Alcântara



Museu de Alcântara

O município de Alcântara está localizado no litoral oeste do Maranhão e é banhado pelas baías de Cumã e São Marcos. Possui uma extensa área de manguezais, ilhas, praias paradisíacas e recursos naturais diversos, além de uma arquitetura secular formada por sobrados, casarões e ruínas do que outrora foram palacetes, palácios, igrejas e conventos.

Erguida na antiga aldeia de Tapuitapera, elevou-se à categoria de vila em 1648 com o nome de Santo Antônio de Alcântara, prosperando economicamente no decorrer do século XVIII, a partir da exportação de produtos agrícolas. Surge, então, nessa época, uma arquitetura urbana e rural luso-afro-brasileira, fruto do conhecimento e técnicas dos portugueses e povos africanos.

Após a abolição da escravatura, declínio da aristocracia e proclamação da república, surge uma nova classe social burguesa, afrodescendente e que toma as rédeas no campo social, econômico e político do município. Surgem comunidades agroextrativistas e pesqueiras em áreas de antigas fazendas e quilombos. Os sobrados e casarões tornam-se espaços de moradia, pousadas, museus e órgãos públicos, trazendo uma nova dinâmica para o município.

Devido a sua riqueza histórica e paisagística, Alcântara é tombada como Monumento Nacional desde 1948 e foi decretada, em dezembro de 2021, Cidade Museu a Céu Aberto pelo governo do estado do Maranhão. A reunião dos elementos naturais e culturais proporcionam paisagens exuberantes e experiências marcantes aqueles que se propõem a visitar a cidade e vivenciar suas festas, sua gastronomia, seu cotidiano e suas memórias.

Karina Waleska Scanavino Costa

21. Ruínas do Palácio do Barão de Mearim

Datado do século XIX, o Palácio começou a ser construído para hospedar o Imperador Dom Pedro II em uma provável visita à Província. Tal construção resultou em uma rivalidade entre o proprietário, o Barão de Mearim, denominado José Teodoro Correia de Azevedo Coutinho, e o Barão de Pindaré. A visita não se concretizou e, por falta de verbas, o palácio não foi concluído, ficando em ruínas até os dias atuais.



22. Largo do Carmo

Pertencente à Ordem dos Carmelitas Calçados, abrange as ruínas do antigo convento, a igreja de Nossa Senhora do Carmo e a pequena Praça Frei Custódio Alves Serrão. As construções são do século XVII, porém a atual arquitetura da igreja segue o imaginário barroco rococó do século XVIII e os tapetes de azulejaria seguem o período neoclássico. Com a decadência das ordens religiosas, o convento entrou em ruínas ainda no século XIX. A Igreja ainda agrega todo o calendário litúrgico das celebrações.



23. Ruínas do Palácio do Barão de Pindaré

Sua construção data do século XIX e pertenceu a Antônio Pedro de Costa Ferreira, Barão de Pindaré, nomeado governador da Província do Maranhão em 1834. No ano de 1835 tornou-se senador da Regência Trina Permanente, cargo que ocupou por 25 anos. O palácio tinha o objetivo de também hospedar D. Pedro II, dando origem à rivalidade com o Barão de Mearim. O palácio não teve as obras finalizadas.



24. Ruínas da Igreja de São Francisco

Em 1811 a Ordem Terceira dos Franciscanos recebeu a concessão de recursos para a construção da Igreja. Dispõe apenas de uma entrada principal em pedra de lioz e alto relevo com dois braços entrecruzados, um de Cristo e outro de São Francisco - centrados por uma cruz, simbolizando a irmandade dos Franciscanos.



25. Passos da Paixão de Cristo

São pequenas capelas originárias do século XVII sob a Ordem jesuítica. Distribuídos pelas principais ruas de Alcântara, eram utilizados principalmente na Paixão de Cristo. A Via Sacra partia do passo da Igreja do Desterro e seguia pelos demais onde haviam as estações. Atualmente existem 5 passos, distribuídos pelas ruas de Baixo, da Amargura e Sossego.



26. Largo do Rosário (Galo)

O Largo contempla a igreja, a praça do Rosário e um poço que servia para o abastecimento dos moradores do seu entorno. A igreja foi edificada no século XVIII pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e abriga as imagens da Santa que deu nome ao templo, além de São Benedito e São Raimundo. No Largo do Rosário ocorre o tradicional festejo de São Benedito, sempre em período de lua cheia, entre os meses de agosto e setembro.



27. Casa de Cultura Aeroespacial

Localizada em uma casa de morada inteira, a Casa de Cultura Aeroespacial foi aberta em 2003 abordando temas voltados para a história de Centro Espacial de Alcântara. Dispõe de réplicas de foguetes, maquetes e quadros informativos sobre a implantação do Centro.



28. Fonte de Mirititua

As nascentes desta fonte estão em uma área remanescente da floresta amazônica. Sua construção remonta ao século XVII sob as ordens do donatário da Capitania de Cumã, Antônio Coelho de Carvalho. Foi a principal fonte de abastecimento de água até meados do século XX, assim como área coletiva para a lavagem de roupas.



29. Cemitério de São Benedito

Em 1845 o Cemitério de São Benedito foi construído com recursos do Comendador José Maria Correia de Sousa, pondo fim ao hábito de enterrar os mortos nas igrejas de Alcântara. Em 1864 passa a ser administrado pela Irmandade de São Benedito. Atualmente está sob administração pública municipal, sendo o único cemitério na área urbana.



30. Sítio de Nazaré

De propriedade do Comendador José Maria Correia de Souza, o Sítio do Nazaré data do século XIX. Era uma grande fazenda que reunia atividades laborais de produção de algodão, cera e um conjunto de curturem onde eram processados os couros. As ruínas do sítio situam-se as margens do igarapé do Puca e dos manguezais.



11. Igreja de São Matias

Primeira edificação jesuítica, em estilo colonial, construída em pedra e cal em Alcântara no século XVII. Possuía portais em pedra de lioz e uma torre sineira. Ocupava 1/3 da área da praça e, por falta de manutenção, a partir do século XIX entrou em ruínas e todo o seu acervo religioso foi levado para a Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Hoje é um dos principais cartões postais de Alcântara.



12. Museu Histórico de Alcântara

Foi construído no século XIX e trata-se da única edificação em Alcântara com azulejos portugueses em alto relevo na fachada. Foi vendido para as irmãs Carmelitas do Canadá em 1950, tornando-se o convento da caridade. Em 1977 foi desapropriado pelo governo do estado e em 28 de outubro de 1978 foi aberto como museu. O acervo reproduz uma casa de época.



13. Casa de Câmara e Cadeia

Sua construção, em taipa, ocorreu em 1648 como uma das exigências para elevação do arraial de Tapuitapera para Vila Santo Antônio de Alcântara. No final do século XVIII assumiu as características atuais passando a ser a sede do governo local. Em 1948 chegou a abrigar a penitenciária estadual e por volta de 1965 passou a ser a sede da Prefeitura Municipal e Câmara de Vereadores.



14. Farol

Sinalização náutica de propriedade da Marinha instalada na primeira metade do século XIX. É um importante espaço de visitação na cidade por oferecer uma vista panorâmica da ilha do Livramento, baía de São Marcos e ainda oportunizar a apreciação da revoada dos guarás nos finais de tarde.



15. Rua da Amargura

Antiga rua da Bela Vista, onde haviam sobrados, casarões e palacetes com vistas para o mar. Passou a ser chamada Rua da Amargura em finais do século XIX com o arruinação da elite aristocrática. Entre as versões populares sobre a nova denominação, destaca-se a história de ser o local de despedida das mães quando os filhos deixavam a cidade para estudar na Europa.



16. Palácio Negro

Pertenceu ao Barão de Grajaú, Carlos Fenando Ribeiro. Sua construção data do início do século XIX e conta-se que a sua denominação se refere ao sinal de luto pela sobrinha neta do Barão, Sra. Leonina Stela, por ter se casado com um mulato, Sr. Antonino Guimarães. A mesma teria sido deserdada e a família teria coberto as portas e janelas de cortinas pretas simbolizando o luto e o repúdio pela união.



17. Forte São Sebastião

É datado do século XVII e foi antiga morada dos jesuítas, ladeada pela capela de Nossa Senhora do Pilar. A partir de 1763, com a expulsão dos jesuítas, foi transformada em Forte. Existia uma muralha circular e entre 9 a 11 canhões. Atualmente é conhecido como Campo Velho ou Campo de São Sebastião. O Forte nunca foi ativo.



18. Praia de Itatinga

É atualmente a praia localizada mais próxima do centro urbano de Alcântara, cujo acesso é feito por uma curta travessia do igarapé do Puca de canoa. É uma bela praia, semi deserta, apropriada para banho e outras atividades, como piquenique, meditação, acampamento e contemplação da paisagem.



19. Casa do Divino

Sobrado com fachada azulejada em tapete policromático. Foi adquirido pelo Governo do Estado em 1982 para abrigar a Casa do Império da Festa do Divino, sendo Naiza Leite a primeira festeira a utilizá-lo. Abriga o Museu do Divino com uma bela exposição de altares e centros de mesa decorados que adornaram tanto a casa do Império como as casas de mordomos no período do festejo.



20. Cavalo de Troia

É o mais alto solar de Alcântara. Foi construído pelo português Chico Taipa, que elogiava sua casa fazendo constantes referências ao cavalo de madeira da guerra de Tróia. Este prédio foi sede do Partido Liberal de Alcântara e na década de 70 foi ocupado pela PETROBRÁS. Atualmente é de propriedade da Prefeitura Municipal de Alcântara.



1. Porto do Jacaré

Datado do século XVII, o Porto se localiza no igarapé do Jacaré. Há uma antiga rampa em pedra de cantaria, secular, que foi utilizada como principal área de embarque e desembarque até o ano de 1996, quando, na gestão de Dr. Aírton Viegas, um novo atracadouro de concreto foi construído sobre ela. Nos anos 2000 o atracadouro foi desativado por risco de desabamento. Em 2004 o CLA construiu um cais flutuante que atualmente atende a toda e qualquer embarcação que chega ou sai de Alcântara.



2. Ladeira do Jacaré

Principal via de acesso ao centro de Alcântara, a Ladeira do Jacaré é íngreme e formada por desenhos geométricos em pedras calcárias e arenito avermelhado com uma arquitetura formada por meias moradas e moradas inteiras ao estilo colonial, o que suscita a curiosidade em subir e desvendar o que tem à frente.



3. Largo das Mercês

Em 1648, Antônio Coelho de Carvalho, donatário da Capitania de Cumã, doou à Ordem dos Mercedários um sítio na região de Alcântara para construção da igreja, convento e morada dos religiosos. O convento foi fundado por volta de 1658 e em 1850, após a morte do penúltimo frade Mercedário, foi fechado entrando em total estado de ruína. Ainda no século XIX a atual capela foi erguida e nela foi depositada a imagem de roca de Nossa Senhora das Mercês. Atualmente o Largo é usado para enterrar o mastro do(a) do Mordomo(a) Régio(a) durante a Festa do Divino.



4. Igreja do Desterro e Sinos

Antigo Passo jesuíta, foi convertida em Capela no século XVIII. Possui nave principal, altar mor e uma pequena sacristia. Em um nicho voltado para o mar está Nossa Senhora da Guia, protetora dos navegantes. Ao lado há um pequeno campanário com dois sinos. Dizem que se a pessoa fizer um pedido com muita fé e tocar os sinos três vezes, terá o seu pedido atendido.



5. Fonte das Pedras

A fonte é datada de 1714. Construída em pedra e cal, apresenta frontão triangular, encimado por uma pedra que, segundo o Sr. Heidimar Guimarães, servia para "representar ironicamente a cabeça de um negro" por ser uma bica pública e que atendia a população negra da cidade. A fonte ainda é utilizada pela comunidade quando ocorrem problemas de abastecimento de água.



6. Solar do Clóvis Beviláqua

Ruínas do solar onde residiu um dos maiores juristas brasileiros, Clóvis Beviláqua, o qual foi nomeado promotor de justiça nesta província em 1883. Ele foi o autor do código civil brasileiro e além da carreira jurídica também se dedicava à literatura, filosofia e ao jornalismo.



7. Casa do Mordomo Régio

Morada inteira com mirante. Atualmente é um dos espaços que integra a tradicional Festa do Divino de Alcântara. A Casa do Mordomo Régio foi inaugurada como espaço de festa em 2018 pela Mordoma Régia Vana Cristina. Durante o ano, fora do período da festa, são oferecidas atividades culturais como exposições e oficinas.



8. Museu de Alcântara

Sobrados com mirante construídos no final do século XVIII, integrando um belo conjunto arquitetônico que serviu de residência e comércio das famílias Viveiros e Guimarães. Abrigou o Museu Casa Histórica de Alcântara/Ibram a partir de 2004 e em 2020 entrou em processo de reforma, ampliação e mudança da expografia para se tornar o Museu de Alcântara/Ibram, abordando aspectos paleontológicos, culturais, etnográficos e ambientais do município.



9. Praça Gomes de Castro (da Matriz)

A Praça da Matriz ou Praça Gomes de Castro retrata o centro do poder colonial português em Alcântara, onde estão reunidos o Pelourinho, a Casa de Câmara e Cadeia e as ruínas da Igreja de São Matias. Passou a ser nomeada Praça Gomes de Castro em homenagem a Augusto Olímpio Gomes de Castro que foi escritor, político e promotor de Alcântara.



10. Pelourinho

Trata-se de uma coluna em pedra de lioz que foi implantada em 1648 e traz as armas portuguesas em relevo na parte superior. Com a implantação do regime republicano e a determinação de eliminar todos os sinais da monarquia, o pelourinho de Alcântara foi quebrado em três partes e enterrado em locais diferentes. Em 1948, através de Mãe Calu e por iniciativa de José Alcântara Rodrigues, o pelourinho foi desenterrado, restaurado e reerguido.

